

Aconteceu

ARROCHO

PACOTE DE VERÃO UNE CUT E CGT

Lideranças da CUT e da CGT estudam uma ação conjunta para enfrentar o pacote do governo. A palavra de ordem é resistir ao arrocho salarial reconhecido pela própria ministra do trabalho, Dorotheia

Werneck. O Dieese calcula em cerca de 83% as perdas para quem tem reajuste em fevereiro.

Veja nas páginas 2 e 3 a reação dos trabalhadores e um resumo das principais medidas do pacote.



Foto de Antonio Ribeiro

Joaquinzão, pela CGT, e Meneguelli, pela CUT, decidiram se unir contra as perdas

Amazônia: corrida contra a devastação

O Brasil tem sofrido severas críticas de entidades e organismos internacionais pelo abandono da Amazônia. Uma comissão de senadores dos EUA está na região avaliando as consequências da devastação. Eles podem pressionar a destinação de verbas para projetos nas áreas de conflitos. (Última página)

Chico Mendes: líder seringueiro acusa UDR

O sucessor de Chico Mendes no Sindicato dos trabalhadores Rurais de Xapuri, Júlio Barbosa de Aquino, acredita que a UDR está envolvida na morte do líder seringueiro. O ex-prefeito de Xapuri também é apontado como um dos responsáveis pelo crime. (Págs. 12 e 13).

CUT e CGT se unem contra perda salarial

As duas principais representações sindicais do País, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) decidiram dia 16 encaminhar ação conjunta dos trabalhadores em resistência às perdas salariais contidas no Plano Cruzado Novo. A deflagração de uma greve geral não está descartada, mas antes, as duas centrais vão discutir o assunto com suas respectivas direções e bases sindicais.

A tentativa de se unificar as decisões foi firmada em reunião entre o Presidente da CGT, Joaquim dos Santos Andrade, e o Secretário Geral da CUT, Gilmar Carneiro, na sede da entidade.

Apesar de considerarem o plano recessivo e darem como certo prejuízos imediatos para os trabalhadores, os dirigentes foram cautelosos sobre a possibilidade de uma deflagração de uma greve geral.

Em função da nova realidade econômica, a reunião ordinária da CUT, que deveria ocorrer neste fim de semana, transformou-se em permanente. Dia 16, os dirigentes da Central se reuniram em São Paulo, mas estão aguardando a conclusão do estudo do Dieese sobre as perdas salariais, para

decidirem o que fazer. A executiva da CGT também se reuniu em Brasília. Ambas as centrais, separadamente, vão avaliar com técnicos do Dieese o alcance dos prejuízos para os trabalhadores, em consequência do Plano Cruzado Novo.

Paralelamente à mobilização dos trabalhadores, as duas centrais também estão discutindo a formação de um novo fórum de negociação com a participação da CUT e CGT, além de empresários e Governo, para discussão da política salarial. Segundo Gilmar Carneiro, a proposta partiu da CUT e foi incluída pelo Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, na reunião que teve em Brasília com os dirigentes da Central.

O Presidente da CGT, porém, ao contrário de Luiz Antonio Medeiros, não abandonou as negociações do pacto antiinflacionário.

- A decisão de CGT de participar do pacto não foi tirada do bolso do colete, mas de uma plenária com 350 entidades sindicais, e será em outra plenária, dia 27 próximo, em Brasília, que vamos decidir se permanecemos ou não nesta negociação - esclareceu o dirigente sindical. (O Globo, 17/1/89)

O Presidente só

Não sobrou ninguém ao lado do presidente. No exato momento em que joga a cartada decisiva de seu governo, o lance que pode marcar o início de um processo de estabilização econômica ou o naufrágio, Sarney está só, como nunca esteve. Assessores antigos, amigos, familiares, de todos o presidente se afastou. Sobram os áulicos de todo o dia, a alimentar a vaidade presidencial.

O "choque verão" está separado do Plano Cruzado por dois anos e três ministros. Por muito mais. Foram dois longos, longuíssimos anos para Sarney. Na véspera do Cruzado, Sarney tinha o PMDB, o PFL, uma sociedade que ainda vivia os restos de esperanças com a "Nova República", mantinha seus amigos, assessores de confiança, sua filha e genro ao seu lado, no Planalto e Alvorada.

Nos primeiros meses do Cruzado, Sarney teve tudo na mão. A bebedeira da popularidade fácil, a hesitação, as jogadas pequenas, mesquinhas, as crises de depressão e euforia, e o pre-

sidente desperdiçou a chance de realizar o seu sonho, passar à história como o "novo Juscelino".

Em vez de enfrentar as dificuldades do Plano Cruzado, preferiu fritar o ministro Dilson Funaro. A transição Bresser Pereira só serviu para que o presidente abjurasse, de público, a heterodoxia. Lançou-se nos braços dos ortodoxos. A fascinação das últimas semanas com Octávio Bulhões foi o ponto máximo de aproximação com a ortodoxia econômica.

O pacote se desembrolha hoje e, solitário, dois anos, três ministros depois, Sarney apresenta ao país uma versão revista e atualizada do Plano Cruzado, um choque heterodoxo com leves pinceladas de ortodoxia.

Mas não há mais o PMDB, o PFL, os amigos ou os familiares. É o choque de um presidente só, contraditório, confuso, hesitante. Pode até dar certo, mas é a sociedade, e não Sarney quem vai definir. (Mauro Lopes - Folha de S. Paulo, 15/1/89)

Aconteceu 487 - janeiro/1989
CEDI Centro Ecumênico de
Documentação e Informação
Rua Cosme Velho, 98 Fundos
Telefone:(021) 205 5197
22241 - Rio de Janeiro - RJ
Av. Higienópolis, 983
Telefone: (011) 825 5544
01236 - São Paulo - SP

Editor
Xico Teixeira
Reg. prof. 1928/07/16

Editora Assistente
Ligia Dutra
Reg. prof. 3407/14/60

Secretaria
Eliane Lobato

Composição
Katia Simões
Dalva Celeste

Produção Gráfica
José Truda Jr.
Lúcia Carrera

Distribuição
Ricardo Justo

Fotolitos e impressão
Tribuna da Imprensa

Conselho de publicações
Carlos Alberto Ricardo
Carlos Cunha
Flávio Irala (Coordenador)
Jether Pereira Ramalho
Luis Flávio Rainho
Maria Cecília Iorio
Maurício Waldman
Vera Maria Massagão Ribeiro
Xico Teixeira

Aconteceu é uma publicação semanal do CEDI. É uma revista das notícias da semana extraídas dos jornais de maior circulação do país e de colaborações espontâneas dos leitores e entidades diversas. Aconteceu conta também com a participação efetiva dos programas do CEDI: Povos Indígenas no Brasil, Movimento Camponês/Igreja, Educação e Escolarização Popular, Memória e Acompanhamento do Movimento Operário e assessoria à Pastoral Protestante. As colaborações devem ser encaminhadas à redação: Rua Cosme Velho 98 fundos, CEP 22241 - Rio de Janeiro.

Congelamento será por tempo indeterminado

O Governo adotou dia 15, através de medida provisória, um congelamento geral de preços, por prazo indeterminado, com base nos valores efetivamente praticados no dia 14 de janeiro de 1989. A Sunab divulgou tabelas de preços para todas as capitais. A do Rio contém 177 itens. Qualquer aumento de preço por estabelecimentos comerciais realizado no fim de semana não será considerado, valendo o preço da tabela. O Presidente Sarney convocou a população a fiscalizar o congelamento. "Pegue essa lista e compare com o preço remarcado e não pa-

gue. Procure comprar onde for mais barato". O líder sindical Luiz Antônio Medeiros, depois da reunião com Sarney, informou que sai do pacto social, por considerar que o Plano Cruzado Novo traz perdas para os salários dos trabalhadores. O industrial Mário Amato apoiou o plano e disse que praticamente tudo o que os empresários queriam foi atendido, como a redução do déficit público e a não edição da Lei de Delinquência Econômica. O Banco Central estendeu o feriado bancário até terça-feira.

(O Globo, 16/1/89)

Sarney acaba com 5 ministérios e demite cerca de 90 mil

O Presidente José Sarney assinou no último dia 15 medida provisória reduzindo de 27 para 22 o número de Ministérios e extinguindo 42 órgãos da administração federal, entre os quais colegiados, fundações e empresas. A reforma implicará o fim dos cargos comissionados dos Ministérios extintos e a demissão de 60 mil funcionários públicos contratados nos últimos cinco anos. As medidas reduzirão em 50 por cento os gastos do orçamento da

União.

Para o Ministério da Educação, o Presidente José Sarney convidou o Deputado Carlos Sant'Ana (PMDB-BA), em substituição ao Senador Hugo Napoleão (PFL-PI). O ex-Ministro da Irrigação Vicente Fialho, segundo o Ministro Chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, deverá ocupar o Ministério das Minas e Energia. (O Globo, 16/1/89)

Ministro abre caderneta antes do choque

O Sindicato dos Bancários de Brasília enviou dia 16 um telegrama ao Presidente José Sarney acusando o ministro chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, de "especulação criminosa". Segundo a denúncia, o ministro abriu uma caderneta de poupança no valor de Cz\$67.180.420,88, numa agência do Banco do Brasil, na última sexta-feira

O depósito do ministro contraria telex expedido pela direção do Banco do Brasil às suas agências desaconselhando a abertura de novas cadernetas com valor superior a Cz\$50 milhões nas últimas quinta e sexta-feiras, dias 12 e 13. O título do telex do banco é "Depósitos com fins especulativos".

No final da tarde, Costa Couto distribuiu a seguinte nota aos jornais reconhecendo a abertura do depósito: "Tendo tomado conhecimento de telex enviado pelo presidente em exercício do Sindicato dos Bancários de Brasília aos jornais, relativo à abertura de cadernetas de poupança em meu nome, no dia 13 de janeiro último, esclareço, a bem da verdade, o seguinte:

1. A decisão de abrir ou fechar

minhas contas de poupança está entregue ao dr. Odilson Alves de Queiroz, até por não me sobrar tempo, em face das responsabilidades públicas que tenho, para o gerenciamento desses assuntos particulares.

2. A referida operação foi feita dentro da legislação vigente, de forma completamente regular. Tanto é que, segundo informação do dr. Odilson, nenhum óbice legal foi apresentado. Isto é, o assunto foi tratado rotineiramente pelo banco.

3. Vivo do meu trabalho. A lisura da operação está evidente pelo fato de que a aplicação foi feita em meu nome pessoal, sem nenhum caráter especulativo, mesmo porque trata-se de uma operação com caderneta de poupança, que é o instrumento mais popular para a aplicação de recursos.

4. Não obstante, determinei o imediato encerramento da aplicação, seguida da sua reabertura, para que não haja dúvida a respeito de sua correção.

5. Justamente por não ter o que ocultar, faço este esclarecimento espontâneo. Ronaldo Costa Couto, ministro". (Folha de São Paulo, 17/1/89)

SALÁRIOS

Negociação de perda é livre

O Plano Cruzado Novo vai realinhar todos os salários de janeiro pelo seu valor médio real em 88, que será calculado pela conversão do rendimento-base com a OTN, incluindo a URP de 26,05% de janeiro. Salários inferiores a esta média serão reajustados e que estiveram acima serão congelados. A reposição de perdas que ainda restarem não está garantida por lei, mas poderá ser negociada livremente nas datas-base entre patrões e empregados. O Piso Nacional de Salários de fevereiro foi fixado dia 15 em NCZ\$63,90. (O Globo, 16/1/89)

POUPANÇA

LFT corrigirá em janeiro

A poupança continua a ter rendimento mensal, mas os aplicadores não podem fazer depósitos em contas antigas até o dia 31 de janeiro. Deverão ser abertas contas novas, que terão a mesma remuneração das antigas. Mas não poderá haver saques nas contas novas por seis meses.

A correção da poupança, em janeiro, será calculada com base no rendimento da LFT.

As mensalidades escolares estão congeladas. Os alugueiros obedecem a uma tabela de conversão. A prestação da casa própria deve acompanhar o reajuste salarial do mutuário. (O Globo, 16/1/89)

DESVALORIZAÇÃO

O Governo desvalorizou o cruzado em relação ao dólar em 17%. Com a reforma monetária, cortando três zeros do antigo cruzado, e o ajuste cambial, US\$ 1,00 passou a valer exatamente NCZ\$ 1,00. A medida, que aumentou a dívida externa em US\$ 19 bilhões, foi justificada pelo Governo como forma de proteger as exportações até abril, quando será feita a primeira revisão do Plano Cruzado Novo. (O Globo, 16/1/89)

TABLITA

Dívidas serão deflacionadas

As dívidas em cruzados antigos, contraídas entre os dias 1º de janeiro de 1988 e 15 de janeiro de 1989 sem cláusula de correção monetária, serão deflacionadas. Os valores em cruzados novos destas dívidas serão convertidos com a utilização de deflatores diários, definidos por uma tabela de conversão (tablita). Com isto, o Governo pretende eliminar toda a expectativa de inflação futura embutida nos preços. (O Globo, 16/1/89)

PM prende grevistas durante passeata em BH

A Polícia Militar de Minas Gerais reagiu com violência aos piquetes e passeata promovidos dia 16 no centro de Belo Horizonte por cerca de dois mil motoristas e cobradores de ônibus da região metropolitana. Até o fim do dia 16, pelo menos 37 prisões haviam sido feitas, segundo o Sindicato dos Rodoviários de Belo Horizonte ou 20 de acordo com informações da Delegacia de Ordem Política Social (Dops). Antes disso, a violência policial atingiu até mesmo jornalistas que foram agredidos e ameaçados com bombas de gás lacrimogênio ao se aproximarem das viaturas policiais na tentativa de identificar os presos. Pelo menos um motorista, José Prates, 34, foi espancado pela PM e

encaminhado ao pronto-socorro com ferimentos na cabeça.

A paralisação dos motoristas, cobradores e fiscais de transportes coletivos foi decidida após a realização de duas assembléias da categoria que, juntas, reuniram quase quatro mil trabalhadores de um contingente total de 15 mil rodoviários. Eles reivindicam reposição salarial de 27,5% referente a perdas salariais a incidir sobre os salários de dezembro com mais 50% de reajuste sobre esse cálculo. Com isso, os salários passariam de NCz\$157 para NCz\$302, no caso dos motoristas e de NCz\$66 para NCz\$128 no caso dos cobradores. As empresas ofereceram um reajuste de 34,9%, o que elevaria os valores dos salários dos motoristas

para NCz\$212 e o dos cobradores para NCz\$90. As empresas querem ainda o fim do "passe-livre" - através do qual a categoria não paga passagem de ônibus -, com o que os trabalhadores não concordam.

No dia 16, os grevistas realizaram três passeatas pelo centro de Belo Horizonte. A primeira delas com destino à Câmara Municipal para buscar o apoio dos vereadores. No percurso, vários ônibus tiveram seus pneus esvaziados. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores e da Regional da CGT em Minas, José Theodoro Guimarães, garante que a greve deve crescer ainda mais nos próximos dias. (Folha de São Paulo, 17/1/89)

Greve paralisa os coletivos em Diadema

O novo Prefeito de Diadema, José Augusto da Silva Ramos (PT), está enfrentando a primeira greve no serviço público municipal. Cerca de 300 motoristas da Empresa de Transportes Coletivos de Diadema (ETCD) voltaram a paralisar o trabalho 11 dias depois de encerrarem outra greve, ainda na gestão anterior, por falta de pagamento dos salários.

Dia 11, o ex-Prefeito Gilson Meneses, que deixou o PT em maio do ano passado por diver-

gências com José Augusto, disse que a situação da ETCD é precária porque em sua gestão motoristas que apoiavam o atual Prefeito sabotaram vários ônibus, colocando areia nos tambores de óleo dos veículos.

- A sabotagem na ETCD foi incentivada por ele - acusou Meneses, referindo-se a José Augusto.

Em reunião realizada com os motoristas dia 11, o Prefeito negou a sabotagem e decidiu enviar à Câmara Municipal projeto de lei no

qual concede subvenção emergencial de Cz\$150 milhões a ETCD. O projeto vai tramitar em regime de urgência e deverá ser votado ainda esta semana.

A greve é justa, apesar de ampliar o déficit da empresa. Daqui a alguns meses, acertaremos a situação da empresa e não haverá greves - disse José Augusto.

Em assembléia realizada na porta da garagem, dia 11, os grevistas decidiram continuar parados. (O Globo, 12/1/89)

PT dará advogado a apedrejador de ônibus

O secretário municipal dos Transportes, Antonio Hohlfeldt (PT), anunciou dia 11 que a prefeitura de Porto Alegre dará assistência jurídica ao comerciário Pedro Jorge Jarutais, que responde inquérito na 16ª Delegacia de Polícia, acusado de agressão e danos por ter apedrejado um ônibus que quebrou. Hohlfeldt afirmou que a defesa "vai mostrar que não era depredador, mas agia em legítima defesa, pois o veículo não tinha condições de trafegar e colocava, isso sim, em risco a vida de todos os passageiros".

Hohlfeldt promete anexar no inquérito e no posterior processo na Justiça uma série de laudos e vistorias mostrando não só as precárias condições do ônibus apedrejado - "o motorista colocou ilegalmente um pneu recauchutado na frente" -, mas também que a empresa Belém Novo" é a campeã absoluta da falta de qualidade e de mau atendimento ao público, entre as 14 empresas de ônibus concessionárias de veículos", segundo acusa o secretário.

O episódio da briga de passa-

geiros e funcionários da empresa de ônibus e, agora, a defesa que o secretário petista irá fazer do apedrejador é o mais novo capítulo das divergências entre a administração Olívio Dutra e as empresas de transporte coletivo. Estas são apontadas por Olívio como um dos quatro grupos beneficiados irregularmente na gestão anterior, com tarifas maiores que as devidas, entre outras vantagens que Hohlfeldt e Olívio consideram excessivas. Em fevereiro, vencem nove das 14 concessões. (JB, 12/1/89)



Agilberto Lima/AE

Polícia e baianas na festa da lavagem das escadarias do Bonfim: convivência pacífica.

Cardeal da Bahia defende diálogo com Candomblé

A convivência do catolicismo com o culto afro-brasileiro do candomblé, um eterno desafio para a Igreja na Bahia, reavivou mais uma vez, na semana passada, a discussão em torno dos limites do sincretismo religioso. Escandalizado com as cenas que viu em 1988, três meses depois de chegar de Roma para assumir a arquidiocese de Salvador, o cardeal dom Lucas Moreira Neves decidiu intervir na festa e limitar os ritos à lavagem, pelas baianas, da escadaria da basílica do Senhor do Bonfim.

“Minha preocupação é a orgia, pois tenho o dever pastoral de defender o santuário, centro de piedade dos cristãos, contra o erotismo e a bebedeira, abusos que vi pela televisão no ano passado”, disse o cardeal, que é também primaz do Brasil. Dom Lucas considerou um equívoco a grava arma-

da à véspera da procissão de quinta-feira, quando se atribuiu a ele a intenção de fechar o adro da igreja do Senhor do Bonfim (Oxalá, para o candomblé).

O cardeal adotou uma solução conciliatória: não fechou a escadaria, mas pediu que as baianas se retirassem de lá, logo depois da cerimônia de lavagem. Policiais puseram-se de prontidão para impedir qualquer invasão, mas o povo assistiu à distância e tudo terminou exatamente como o cardeal queria. Essa saída não é novidade: o cardeal Avelar Brandão Vilela, antecessor de Dom Lucas, fez a mesma coisa em 1987.

Dom Lucas ficou satisfeito com a solução adotada. A decisão de limitar as baianas à escadaria da igreja do Bonfim foi pessoal, ele não nega, “mas só foi tomada depois de ouvidos assessores pas-

torais da arquidiocese e especialmente de Salvador”.

O cardeal qualificou como “uma guerrinha” a discussão que se armou nos dias anteriores à festa. “Não entro nessa guerrinha, pois estou ocupado com problemas mais graves e mais importantes, como, por exemplo, a pobreza na Bahia”, disse ele. “A lavagem da escadaria não é mais uma festa religiosa, embora tenha sido no passado, como rito de purificação. Não se trata também de sincretismo religioso: se tempos atrás o candomblé precisava ocultar-se atrás dos ritos e santos cristãos, por causa da perseguição aos negros escravos, hoje não é mais assim. Defendo a identidade clara de católicos e de adeptos do candomblé, com diálogo entre as duas partes.” (O Estado de S. Paulo, 15/1/89)

Sincretismo sempre provoca debates

Não é a primeira vez que dom Lucas Moreira Neves ataca o sincretismo nas festas populares da Bahia: recém-empossado como arcebispo de Salvador, ele recomendou, no ano passado, que os católicos não participassem das cerimônias profanas. O cardeal também se recusa a acompanhar a procissão marítima de Nosso Senhor dos Navegantes, no dia 1º de

janeiro, ao contrário de seu antecessor, dom Avelar Brandão Vilela, que tinha lugar assegurado na galeota que conduz a imagem de Cristo. Dom Lucas ainda afirmou, em meados do último ano, que “só existe Jesus, o resto são trevas”.

Mas dom Lucas não é o único a condenar o sincretismo. Alguns grupos do movimento negro

na Bahia também querem acabar com a mistura em nome da “pureza do candomblé”. Esses grupos são criticados pelo antropólogo Ordep Serra, que compara o sincretismo religioso na Bahia ao que ele chama de “sincretismo cristão já que o cristianismo é uma mistura de várias religiões do Mediterrâneo”. (O Estado de S. Paulo, 15/1/89)

Prisão de petroleiros causa crise no México

Os petroleiros mexicanos ameaçam cortar a produção de combustível no país em protesto contra a prisão do líder sindical Joaquín Hernandez Galicia e mais 45 sindicalistas, detidos na terça-feira, dia 10, acusados de contrabando de armas. As nove refinarias do país chegaram a parar parcialmente. Em clima tenso, o Exército ocupou a sede do Sindicato dos Petroleiros e as principais instalações da companhia estatal de petróleo (Pemex), de onde os caminhões-tanque saíram escoltados.

A ameaça de falta de combustível provocou uma corrida aos postos de gasolina da Cidade do México, que amanheceram com longas filas, tornando o trânsito da cidade caótico.

Hernandez Galicia foi preso por agentes federais, que arrombaram a porta de sua casa, na cidade de Maderos, com um tiro de bazuca. Lá dentro foram encontradas 200 submetralhadoras Uzi, de fabricação israelense, 25.000 balas e explosivos. Houve troca de tiros entre soldados e seguranças do sindicalista e um policial foi morto. Hernandez foi levado em um avião militar para a base de Santa Lúcia, na Cidade do México, onde está preso. Forças de segurança também invadiram a casa do secretário geral do Sindicato dos Petroleiros e ex-senador, Salvador Barragan Camacho, que não foi encontrado na hora, mas se entre-

gou mais tarde e foi internado, sob guarda do Exército, com problemas cardíacos.

Conspiração

O procurador-geral da República, Enrique Alvarez Castillo, disse que as 46 prisões foram feitas após um mês de investigações. Um alto funcionário do governo informou que os líderes sindicais "tinham planos de desestabilizar o país tomando o controle de instalações petrolíferas". "É uma conspiração bem orquestrada que tem por objetivo ameaçar a segurança nacional", afirmou o integrante do governo recém-empossado. O México é o quarto maior exportador mundial de petróleo.

Logo em seguida, mais de 15.000 petroleiros marcharam até o Palácio Nacional aos gritos de "Não haverá gasolina até que soltem La Quina (apelido do sindicalista)". Segundo informações do sindicato, duas refinarias pararam e outras cinco funcionaram parcialmente. A agência de notícias UPI informou que já começou a faltar gás de cozinha na capital. No entanto, porta-voz da Pemex, Francisco Casanova, afirmou que apenas duas refinarias tiveram seu funcionamento prejudicado. Os funcionários da Secretaria de Agricultura e Recursos Hidráulicos da cidade de Tampico se de-

clararam em greve de solidariedade aos líderes sindicais.

O presidente mexicano se reuniu, após a operação policial, com os secretários de Defesa, Marinha e Trabalho "para tomar medidas a fim de garantir a segurança das instalações da Pemex e o abastecimento de combustível", segundo informou um funcionário presidencial. Oficialmente, Hernandez não é mais o presidente do sindicato, mas permanece no controle da organização que dirigiu durante 30 anos. Apesar de ser integrante de peso do situacionista Partido Revolucionário Institucional (PRI), não é aliado do presidente Carlos Salinas de Gortari, que tomou posse em 1º de dezembro.

O Sindicato dos Petroleiros, que controla todos os contratos trabalhistas com a Pemex, é constantemente acusado de corrupção. Os empresários e o Partido de Ação Nacional, de direita, apoiaram a prisão de Hernandez Galicia. Mas o líder da oposição esquerdista, Cuauhtémoc Cárdenas, colocou em dúvida a versão oficial, afirmando que "seria ingênuo pensar que La Quina correria o risco de guardar as armas em sua própria casa". O Sindicato dos Petroleiros acusou o governo de ter colocado as armas na casa de Hernandez a fim de incriminá-lo. (JB, 12/1/89)

Governo golpeia velha guarda sindical

A prisão de vários líderes sindicais, entre eles Joaquín Hernandez Galicia, do Sindicato dos Petroleiros, é uma declaração de guerra do governo do México contra os velhos caciques sindicais, que tendem a se eternizar em seus cargos.

O procurador-geral Enrique Alvarez del Castillo declarou que não há razões políticas por trás da prisão, mas um alto funcionário do governo, citado pela agência Reuters, disse que as acusações são "apenas uma desculpa legal" para combater a influência de Hernandez Galicia no sindicato.

Integrante da velha guarda, cujo nome é sinônimo de corrupção e suborno, Hernandez Galicia está sendo visto pelos analistas como uma vítima da modernização política do presidente Carlos Salinas de Gortari. O presi-

dente prometeu diminuir a interferência do estado na economia e democra-

tizar o país, desde 1929 governado pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI).

Segundo fontes do governo e do setor privado, a intenção de Salinas é privatizar setores da empresa estatal Petroleos Mexicanos (Pemex), que desde 1938 tem o monopólio da indústria do petróleo no país. Mas nenhum empresário, disseram essas fontes, se arriscará a investir nessa área se tiver de negociar com um sindicato controlado por Hernandez Galicia.

Os "dinossauros", como são conhecidos no México os integrantes da velha guarda política, incluem o octogenário líder da Confederação de Trabalhadores Mexicanos (CTM), Fidel Velasquez. Opõem-se a Salinas desde que ele foi escolhido candidato ao PRI em outubro de 1987, e o acusam de promover "políticas antinacionalistas". Um comunicado divulgado na terça-feira pela CTM diz que "as pri-

sões atingem seriamente o movimento trabalhista e a estrutura legal, e podem comprometer a paz tão laboriosamente construída".

Ao contrário de Velasquez, que é mais de ameaças do que de ações concretas, Hernandez Galicia adotou uma atitude quase irreverente em relação à toda-poderosa presidência. Durante a campanha presidencial, orquestrou um violento ataque a Salinas, usando como seu porta-voz o secretário-geral do sindicato, Salvador Barragan Camacho.

O Sindicato dos Petroleiros, com 135 mil afiliados, foi fundado em 1935 e controla um setor da economia responsável por cerca de um terço das exportações do país. Por causa dos projetos de obras públicas que tem financiado, Hernandez Galicia, seu líder, desfruta de grande popularidade, apesar de ser voz corrente que ele ficou milionário por meios ilícitos. (JB, 12/1/89)

Falta de segurança mata quatro em Volta Redonda

Depois do confronto ocorrido há quase 50 dias entre metalúrgicos da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e soldados do Exército e da Polícia Militar, em Volta Redonda, mais quatro operários morreram dentro da usina, segundo denúncias do Sindicato dos Metalúrgicos. A razão, de acordo com o sindicato: falta de segurança. Um operário caiu de cima do galpão da aciaria enquanto consertava furos feitos por arma de fogo, depois outros foram esmagados (um pelo trem e outro pela ponte rolante) e o quarto foi eletrocutado.

Juvenal Osório, presidente da CSN, disse que a Comissão Interna de

Prevenção de Acidentes (Cipa) em uma empresa pequena é eficiente, "mas na siderúrgica ela não vê tudo, por ser uma empresa muito grande". Marcelo Felício, presidente em exercício do Sindicato dos Metalúrgicos, exige que a empresa ofereça garantias de segurança aos funcionários.

Até 1984, cerca de 20 metalúrgicos morreram na CSN, de acordo com o sindicato. Só depois a entidade conseguiu permissão para entrar na usina e promover um trabalho conjunto com a Cipa, realizado até a greve de 87, quando a autorização foi suspensa. (O Estado de São Paulo, 12/1/89)

Funcionários paulistanos podem ir à greve

Claudio Freitas



Erundina

"A greve é um instrumento de luta" afirmou dia 12 a diretora intersindical da Associação dos Professores em Educação e Ensino Municipal de São Paulo (Apeem), Eliane Bucci, ao ser questionada sobre a possibilidade de uma paralisação após o prazo de 30 dias solicitado pela prefeita Luiza Erundina, para dar resposta ao aumento de 250,74% - 218,85% de reposição salarial e mais 10% de aumento real - reivindicado pelo funcionalismo.

Além das reivindicações feitas em

conjunto com o restante do funcionalismo, Eliane disse que a Apeem pretende manter firme as solicitações específicas da categoria: "Nós pretendemos o piso salarial de dez salários mínimos e não aceitamos a vinculação do aumento otimizadado com a receita da prefeitura", informou. Ela disse que a categoria está muito insatisfeita com o aumento de 63% para o mês de janeiro; mas que só será realizada uma assembleia no dia 18 de fevereiro, após o prazo solicitado pela prefeita. (Jornal da Tarde, 13/1/89)

Professores ampliam entidade

Cerca de 3 mil professores, reunidos no 22º Congresso da Confederação dos Professores do Brasil (CPB) na Universidade Estadual de Campinas, aprovaram dia 12 um plano de reivindicações para a categoria que inclui um salário mínimo unificado de R\$ 233. Os docentes também querem mudanças na Lei de Diretrizes e Bases que rege o ensino público, a criação de um plano de carreira e autonomia para elaboração de currículos que respeitem as diferenças regionais.

O CPB sugere um plano nacional de educação a ser elaborado pelas autoridades e que garanta a inclusão de suas propostas. A confederação também ampliou sua base sindical e passará a reunir, a partir do segundo semestre, além de professores, todos os trabalhadores diretamente ligados à área de educação, como inspetores, diretores de escolas e outros funcionários. A CPB mudará de denominação nos próximos meses, passando a chamar-se Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. (O Estado de S. Paulo, 13/1/89)

Saúde e Educação em crise no Rio

Os Governos estadual e municipal do Rio de Janeiro destinarão neste ano à Educação a maior parte de seus orçamentos. Para o setor de Saúde serão repassados cerca de R\$ 688 milhões, além da verba, ainda a ser definida, do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds). A dotação orçamentária não garante a eficiência dos serviços prestados pelos dois setores, mergulhados em suas piores crises.

Na rede municipal de ensino, a decretação de férias do magistério, durante janeiro, adiou para o dia 1º de fevereiro o início da discussão sobre a reposição dos 59 dias de aulas perdidos durante a greve e a fixação do calendário escolar para este ano.

Os 16 hospitais municipais - responsáveis por 50 por cento dos atendimentos de emergência no Rio - estão funcionando com apenas 20 por cento de sua capacidade e com 60 por cento dos seus leitos desativados. Os hospitais estaduais não têm condições de absorver a demanda. (O Globo, 12/1/89)

Esquecido

A família do ex-presidente João Figueiredo, inclusive o próprio, está fortemente inclinada a votar no ex-governador Leonel Brizola para presidente da República.

Brizola é uma das poucas personalidades do País a brindar o ex-presidente com alguma atenção e gentileza.

Quando Figueiredo pediu aos brasileiros que o esquecessem, não imaginava que muitos dos seus "amigos" levariam a recomendação ao pé da letra. (Canal 3, O Estado de São Paulo, 12/1/89)

Rindo à toa

O ministro da Previdência, Jáder Barbalho, "nomeado" pelas últimas especulações sobre a reforma administrativa para os Ministérios da Justiça, do Trabalho e do Gabinete Civil e para a presidência da Caixa Econômica Federal, foi questionado dia 10 sobre sua preferência:

- Se não fosse amigo do Sodré, gostaria mesmo de ir para as Relações Exteriores - respondeu. E deu uma sonora gargalhada. (Canal 3, O Estado de São Paulo, 12/1/89)

Ziriguidum

O líder do PFL na Assembléia Legislativa de Minas, deputado Milton Salles, acha que o governador Newton Cardoso exagerou na verba destinada a animar o carnaval no estado.

- Ficaria mais engraçado e mais barato se o próprio Newton saísse às ruas vestido de Rei Momo - sugere Salles. (Canal 3, O Estado de São Paulo, 12/1/89)

Concorrente

Um cidadão de nome Júlio Nascimento lança-se no Rio "candidato de protesto" à Presidência da República. Trata-se de um jornalista, ex-candidato a deputado estadual, deputado federal, senador, governador e presidente.

Tem chance. (Canal 3, O Estado de São Paulo, 12/1/89)

Com que roupa?

Comentário de um empresário paulista sobre a peregrinação do ministro Mailson da Nóbrega atrás de opiniões de ex-ministros da área econômica:

- Se uma mulher liga para uma amiga e pede opinião sobre qual roupa deve usar numa festa, é uma coi-

sa. Mas, se ela telefona para vinte amigas, quer dizer que não está preparada para ir à tal festa. (Canal 3, O Estado de São Paulo, 12/1/89)

Primeiros efeitos - 1

Mesmo antes de ser fechado, o "choque verão" conseguiu provocar algo muito raro na história sindical brasileira: a unanimidade. No caso, contra seus prováveis dispositivos de perda do poder aquisitivo do assalariado. (Painel, Folha de São Paulo, 12/1/89)

Primeiros efeitos - 2

Essa unanimidade foi obtida no acerto de ponteiros entre Jair Meneguelli (CUT) e Luiz Antonio de Medeiros (CGT). Por ela, de certo modo, os partidários do "sindicalismo de resultados" aderem à estratégia defendida pelos que, em qualquer circunstância opõem-se ao governo. (Painel, Folha de São Paulo, 12/1/89)

Primeiros efeitos - 3

Medidas como o fim da URP tendem de qualquer modo a arranhar a credibilidade de Medeiros e da CGT, que participaram do malogro pacto antiinflacionário como interlocutores dos empresários e do Planalto. (Painel, Folha de São Paulo, 12/1/89)

Uma definição

De um assessor do Planalto que ainda não digeriu a recusa do empresário Antônio Ermírio de Moraes ao convite para integrar o governo Sarney:

"O Ermírio é um Aureliano Chaves piorado, mas com saldo médio". (Painel, Folha de São Paulo, 12/1/89)

Turnê presidencial

Foi confirmado dia 11 que o virtual candidato da PT à Presidência da República, Luis Inácio Lula da Silva, será recebido pelo presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, no dia 19 na Casa Rosada. (Painel, Folha de São Paulo, 12/1/89)

Achou esquisito

O vereador Aldo Rebelo, em nome do PC do B mandou dia 11 telegrama a Luiza Erundina manifestando estranheza diante da prorrogação do prazo de cessão de três funcionários da Prefeitura ao SNI. Rebelo lembra no telegrama "a posição das forças demo-

cráticas a favor da extinção do SNI". (Painel, Folha de São Paulo, 12/1/89)

Nome do pai

Ao ser recebida dia 11 à tarde pela prefeita Luiza Erundina, a deputada Dirce Tutu Quadros disse estar "reparando a descortesia" de seu pai, que não quis comparecer há 12 dias à cerimônia de transmissão do cargo. (Painel, Folha de São Paulo, 12/1/89)

Pobreza

O Ministro da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves, Encaminhou dia 11 à presidência da Câmara um pedido de opção por seu salário de deputado federal. Ficava sabendo pelo **Estado**, que colegas parlamentares, ocupando funções na administração pública, continuam recebendo seus vencimentos pelo Congresso, com amplas vantagens.

— Como ministro eu trabalho muito mais e não acho justo ganhar menos — justificou.

Cardoso Alves esqueceu-se de um detalhe: Ele nunca deixou de receber seus vencimentos de deputado federal. Nomeado no Dia 18 de agosto, cinco dias depois ele optava por continuar recebendo pelo Legislativo.

Segundo o presidente em exercício da Câmara, deputado Maurício Campos, os salários do ministro estão à sua disposição há meses, depositados em sua conta no Banco do Brasil.

Pelo visto, não lhe fizeram falta. (Canal 3, O Estado de São Paulo, 12/01/89)

Agenda

No próximo dia 25 será realizada, em Washington, uma missa em memória do líder Chico Mendes, organizada por cinco entidades ecológicas internacionais.

No mesmo dia, atos e conferências mostrarão o trabalho do líder e ecologista. (Informe JB, 12/1/89)

Gente

O líder sindical e ecologista Chico Mendes, assassinado no fim do ano passado, não foi o único brasileiro a ser lembrado pela ONU para receber o prêmio **Global 500**, dado aos que se destacam no mundo pelo seu trabalho em defesa da ecologia.

Também foi contemplado o índio David Yanomami. Até agora, porém, David não recebeu o prêmio porque não pôde sair de Roraima, onde sua aldeia com nove mil índios vem sendo invadida por cerca de 30 mil garimpeiros.

Em março, ele deverá receber o **Global 500** no escritório da ONU em Brasília. (Informe JB, 12/1/89)

Resposta

O padre francês Aristides Camio foi homenageado dia 11 com almoço na embaixada de seu país, em Brasília, recebendo a condecoração de Ordem ao Mérito por ato de coragem e bravura.

O padre ficou preso durante dois anos na Polícia Federal de Brasília, acusado de incentivar conflitos armados entre posseiros e fazendeiros no Pará.

Com a medalha, o governo francês inocentou o padre da acusação que lhe fizeram as autoridades brasileiras. (Informe JB, 12/1/89)

Sintoma

Do consultor-geral da República, Saulo Ramos, para um amigo que anunciava vir, em breve, morar na península dos ministros, em Brasília:

- Anda rápido senão a gente pode vir a não ser vizinhos. (Informe JB, 12/1/89)

De volta

O general Rubem Ludwig, ministro da Educação e do Gabinete Militar no governo Figueiredo, circula por Brasília pregando a formação de uma frente política de centro-direita.

Ludwig não fala em nome de candidato, mas o perfil ideal que descreve não cabe em outra pessoa que não ele.

Sua iniciação na política é recente. Ao longo do governo Figueiredo, ele cultivou profundo desprezo pelos políticos. E, no exercício do Gabinete Militar, demonstrou também descaso pela imprensa, chegando a ser o autor da cassação de credenciais dos jornalistas, impossibilitando-os de trabalharem no Palácio do Planalto. (Informe JB, 12/1/89)

Vergonha

Enquanto no Acre a polícia encontra dificuldades para caçar os assassinos de líderes sindicais - muitas vezes por falta de recursos como carros e gasolina - no Rio parece que está sobrando veículos oficiais. No dia 11, às onze e meia da noite, um delegado da 18ª Delegacia da Polícia Civil fazia compras tranquilamente na supermercado Boulevard com sua esposa e a assessoria de uma empregada. O carro usado para a tarefa doméstica era um Opala oficial novinho em folha de placa RJ-3285. (Informe JB, 12/1/89)

Membro do PT é ameaçado de morte em V. Redonda

O membro da Executiva do PT de Volta Redonda, Edson Santana, de 35 anos, denunciou dia 9 à noite, na sessão ordinária da Câmara de Vereadores do Município do Rio de Janeiro, ter recebido ameaça de morte por telefone, na semana passada, quando um estranho lhe disse que o Presidente Regional da UDR, Celso Pinto, contratara um pistoleiro para matá-lo e que este seria pago em dólares quando o eliminasse. Ex-vereador, há seis anos Santana lidera as invasões de terra na região e, em 1986, escapou de um aten-

tado em sua casa.

A ameaça, segundo Santana, foi feita às 11 horas de sexta-feira passada, dia 6, quando ele estava no gabinete do Presidente da Câmara dos Vereadores de Volta Redonda, Hidalgo, de quem é assessor de bancada. O informante disse ao ex-vereador que sua morte fora decidida há duas semanas, durante uma reunião de membros da UDR do Sul Fluminense.

- O estranho perguntou-me ao telefone se eu conhecia o Celso Pinto.

Disse que sim e, então, ele explicou que o Celso já havia contratado o pistoleiro, que receberá em dólares para me matar - disse Santana.

A última ocupação de terra liderada por Edson Santana ocorreu há dois meses, quando ele e mais 330 famílias expulsaram de uma área de 480 mil metros quadrados, na divisa de Volta Redonda com Pirai, o grileiro João Ângelo de Carvalho, de 50 anos, que ali criava gado há mais de 20 anos. (O Globo, 10/1/89)

Agricultor ferido com três tiros

Um agricultor sem-terra, Valdir Valêncio da Silva, acampado há quase três anos na fazenda Solidor, no município de Quedas do Iguaçu, no último dia 10 foi baleado pelas costas, enquanto colhia feijão na área de plantio coletivo do acampamento na qual vivem 52 famílias. A polícia do Paraná já tem o nome de dois suspeitos: José Branco dos Santos e Orlando Lopes Santana, "ambos jagunços contratados pelos proprietários da Fazenda", segundo informações divulgadas por fontes do governo do estado do Paraná.

O pai de Valdir informou que o filho estava trabalhando quando recebeu "três tiros pelas costas. Um deles na cabeça". Disse ainda que Valdir, que está internado na Policlínica São Vicente, sabe quem atirou e confirmou a presença de jagunços armados nas redondezas da fazenda.

Segundo informações de assessores do governador Álvaro Dias - que já enviou para a região um promotor e um delegado especial - havia na área um posto policial para evitar conflitos entre os agricultores acampados e os empregados da fazenda. A área do acampamento foi desapropriada para fins de reforma agrária, mas o Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu reintegração de posse para os antigos proprietários. Já existe ordem de despejo judicial contra os ocupantes mas, segundo assessores da Secretaria de Assuntos Fundiários, "o governo evitou o despejo na esperança de que o processo fosse concluído e a área destinada a reforma agrária". (O Estado de São Paulo, 11/1/89)

Fazendeiro: "Não mandei matar"

O Presidente da União Democrática Ruralista (UDR) do Sul Fluminense, Celso Pinto, dentista que mora em uma fazenda no bairro Candelária, nos arredores de Volta Redonda, disse que os membros da entidade não se reúnem há quatro meses e negou que tenha contratado um pistoleiro para matar Edson Santana, ex-vereador e líder de invasões de terras na região.

- Eu não conheço Edson Santana. Ele deve estar querendo tornar-se vítima e denegrir a imagem da UDR, que não deixa faltar alimentos às famílias carentes e é responsável pelo su-

perávit da balança comercial brasileira. Este homem não merece crédito. Não sei porque me atacar. Deus me fez uma pessoa muito boa e não tenho maldade alguma. Jamais mandaria fazer isso - disse Celso Pinto.

Manifestação

Como não acreditam nessas declarações, integrantes da Comissão Pastoral da Terra (CPT) organizaram um ato público em Volta Redonda, no dia 17, em protesto contra as ameaças recebidas pelo petista Edson Santana. (O Globo, 10/1/89)

Assassinado fazendeiro acusado de utilizar trabalho escravo

O fazendeiro Joaquim Lourenço de Matos, dono da fazenda São Judas Tadeu, de 164.400 hectares, localizada em Paragominas (Pará), foi assassinado no último dia 8 no interior da propriedade. Em agosto de 88, Matos foi preso pela Polícia Federal por manter 80 trabalhadores rurais em regime escravo, utilizando instrumentos de tortura como açoites e ferrões. Além de Matos, também foi assassinado um de seus funcionários, identificado como Vítor.

A esposa de Matos, Domingas Borges, acusou um dos funcionários, Carlos Augusto Paixão da Silva, de ser o autor do assassinato. Segundo ela, no dia do crime pela manhã ela teve uma discussão com Silva, que chegou a disparar três tiros em sua direção, sem atingi-la. Ela disse que fugiu e quando retornou, às 18h, encontrou o marido e Vítor mortos.

Em 11 de agosto passado, seis trabalhadores fugiram da fazenda São Judas Tadeu e denunciaram a existência de trabalho escravo na fazenda a agentes da PF que participavam de operação de combate ao narcotráfico na área. O fazendeiro foi preso e a PF apreendeu instrumentos de tortura, numa espécie de senzala - entre eles correntes, cadeados, açoites e ferrões. Também descobriu dois corpos em estado de putrefação nas matas. Matos confessou o trabalho forçado, a prática de tortura e a execução de vários trabalhadores rurais que tentavam fugir, por pistoleiros a seu serviço. A PF concluiu o inquérito pedindo prisão preventiva à Justiça, mas o advogado de Matos obteve um habeas-corpus para que ele esperasse o julgamento em liberdade. (Folha de São Paulo, 11/1/89)

Delegado procura acusados no caso Batista

O fazendeiro Josiel Rodrigues Martins e o comerciante Jeová Campos, do município de Paragominas (196 km a sudeste de Belém-PA), estão sendo procurados pela Polícia Civil do Pará sob acusação de serem os mandantes do assassinato do deputado estadual e advogado de sindicatos rurais João Batista (PSB), ocorrido no dia 6 de dezembro. O delegado da Divisão de Crimes contra a Pessoa, Brivaldo Soares, viajou com uma equipe de policiais para iniciar as buscas em Paragominas.

Após a prisão de três suspeitos de envolvimento no crime, o delegado Brivaldo Soares descobriu, através dos depoimentos, que Martins e Campos pagaram Cz\$ 20 milhões a um pistoleiro identificado como Péricles, também foragido, para matar Batista. O delegado pediu à juíza Maria Rita de

Cássia, da 2ª Vara Penal, a decretação de prisão preventiva dos acusados.

Um dos homens presos, Manoel João - conhecido como "Robertinho" -, afirmou que o "contrato" foi feito diretamente entre Péricles, o fazendeiro e o comerciante. Segundo Manoel João, sua participação se restringiu a acompanhar Péricles até o prédio onde Batista morava e fazer a "cobertura". O delegado Soares, porém, acredita que o caso esteja "mal contado", já que o retrato falado da polícia, com base em depoimentos de testemunhas, tem todas as características fisionômicas de Manoel João. O secretário de Segurança, Mário Malato, acredita que a morte tenha sido vingança por sua atuação sindical. (Folha S. Paulo, 15/1/89)



Trabalhadores rurais denunciam crimes

Nos quatro anos de governo Sarney, cuja meta era dar terra para 900 mil famílias, apenas 40 mil (4,8% do total) foram assentadas em 1,1 milhão dos 4 milhões de hectares desapropriados (2,1 milhões estão sendo disputados pela Justiça). Nesse período, 887 pessoas foram assassinadas e há dezenas de lideranças de trabalhadores rurais, padres, advogados e de sindicalistas ameaçadas de morte, conforme dados divulgados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ao fazer um balanço da reforma agrária no País.

Segundo João Pedro Stedile, da liderança nacional do Movimento, os números são suficientes para revelar a "má vontade" e o desinteresse do governo pela reforma agrária e pelo destino de aproximadamente 4,8 milhões de sem terra. Ele disse que "foram mortos mais lavradores durante o governo Sarney do que durante o regime militar" e que os maiores índices de repressão aos sem-terra ocorrem em Estados governados pelo PMDB, como Pará, Goiás e Espírito Santo.

"Os latifundiários - diz o balanço do Movimento -, organizados na União Democrática Ruralista (UDR), admitem publicamente possuir mais de 70 mil armas para combater os trabalhadores. Poucos foram os casos que chegaram a ter inquérito policial e processo na Justiça". Os dirigentes afirmaram ainda que três membros de sua coordenação estadual - Edivaldo Ferreira (MA), José Rainha Jr. (ES) e Jaime Amorim (BA) - estão sendo ameaçados de morte. (Folha de São Paulo, 11/1/89)

Justiça é lenta no Pará

A Justiça do Pará tem a fama de ser uma das mais morosa do Brasil e os inúmeros processos engavetados sem solução, há anos, acabam confirmando em parte esse atributo. O presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB/seção Pará, advogado José Carlos, acusa a Justiça paraense de "burocracia ao extremo". Segundo ele, ela torna-se também "incompetente" pelo alto número de funcionários admitidos sem concurso público.

O presidente do Tribunal de Justiça do Estado, desembargador Ossian de Almeida, reeleito em dezembro, diz que os "apadrinhamentos" ocorreram antes de sua administração e considera que o problema da burocracia reside na insuficiência de juízes. Segundo o TJE, nos 105 municípios paraenses existem fóruns em apenas 30 comarcas. Dos 18 municípios novos, emancipados em maio de 1988, nenhum possui delegacia de polícia.

Nas áreas de conflitos agrários, a maioria das comarcas está com insuficiência de juízes. No sul

do Pará, há quatro varas mas apenas dois juízes em Marabá. Em Conceição do Araguaia, há duas varas e não há juiz desde o final da apuração eleitoral. Em Vizeu, também não há juiz. Em Itaituba, região de garimpos, também falta juiz.

Gabriel Pimenta

Há pedidos de prisão preventiva não atendidos em tempo hábil, por isso a fuga de acusados é comum. Em 1982, o advogado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá, Gabriel Pimenta, 26, foi assassinado e a Polícia Civil localizou um dos envolvidos no crime, que acusou o fazendeiro Nelito Cardoso, irmão do governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, como o mandante. A prisão preventiva de Nelito foi decretada mas, no dia seguinte, revogada por habeas corpus impetrado pelo advogado do fazendeiro. Desde então, o processo foi engavetado e Nelito sequer prestou depoimento. O preso fugiu. (Folha de S. Paulo, 15/1/89)

Darly admite que há cemitério em sua fazenda

O fazendeiro Darli Alves da Silva admitiu no dia 10 a existência de um cemitério na Fazenda Paraná, de sua propriedade, onde estaria enterrada uma moça, cujo nome disse não se lembrar mais.

Segundo ele, o cemitério está localizado próximo ao acesso que liga a BR-317 a Xapuri. Darli garantiu que não sabe se há mais corpos nesse cemitério e que foi a polícia que enterrou ali dois bolivianos mortos, em 1987, por seus filhos Darci e Oloci, que estão presos junto com ele na Penitenciária de Rio Branco, acusados de envolvimento na morte do sindicalista e ecologista Chico Mendes. Oloci Alves teve decretada sua prisão preventiva por causa da morte desses dois bolivianos.

Depois de duas crises de nervosismo e choro, durante o interrogatório e quando soube do suicídio de Francisca, uma de suas circo mulheres, o fazendeiro Darli Alves se mostrava irritado a pon-

to de tentar agredir os jornalistas:

- Estou cheio, não estou aguentando mais. Coitada da minha mulher. Se não fizerem nada por mim, eu bato a cabeça neste banco e nesses ferros e me mato também - declarou, apontando para um banco de cimento e para os ferros das grades da cela. Mas, em seguida, se recompôs e voltou a repetir a história da sua vida atribulada. Um detalhe: ao contrário das primeiras entrevistas e interrogatórios, Darli agora abaixa a cabeça e não diz nada quando a pergunta é sobre o líder sindical e ecologista assassinado.

Segundo o diretor da penitenciária, delegado Antônio Campos, que está acompanhando todos os depoimentos do fazendeiro desde a madrugada de domingo, Darli Alves começa a dar sinais de que seu raciocínio está falhando. Com a experiência que tem em interrogatórios, o delegado avalia, entretanto, que Darli tem muita práti-

ca em depoimentos à polícia e não será fácil obter dele uma confissão.

Ao inspecionar a cela onde estão os dois filhos do fazendeiro Darli e Oloci Alves, o delegado Antônio Campos encontrou em uma carteira de Darci, algumas anotações que considerou importantes, especialmente, uma folha solta de um talão de cheque, onde está escrito, com a caligrafia do próprio Darli: "Xapuri, 22 de dezembro de 1988, quinta-feira, 7 horas". A data e a hora coincidem com a da morte de Chico Mendes.

No mesmo papel, outra data foi anotada: 26 de dezembro, 1 hora da tarde, exatamente o dia e hora em que Darci Alves entregou-se à polícia e foi recolhido ao 4º Batalhão Especial de Fronteira, com sede em Rio Branco. Num outro pedaço de papel, Darci anotou o dia 31 de dezembro, em que foi a Xapuri, levado pela polícia, para fazer a reconstituição do crime. (JB, 11/1/89)

Viúva de ecologista confirma agressão

A viúva do sindicalista Chico Mendes, Ilzamar Mendes, de 34 anos, confirmou dia 11 em depoimento na Delegacia de Xapuri que o médico boliviano Dário Burgos Aramayos tentara estuprá-la, dia 9 segunda-feira, quando ela foi ao seu consultório para um exame médico. Depois de dispensar cinco pacientes, o médico, segundo Ilzamar, avançou sobre ela, tapando-lhe a boca e a empurrou contra uma parede.

Ilzamar contou que na sexta-feira estava em Brasília, na casa de Osmarino Amâncio, um amigo do marido, e depois de uma noite de febre e fortes dores resolveu chamar o médico Dário Burgos. Ele tem consultório na cidade de Cobijas, que fica do lado boliviano, mas como médico do serviço público atende no Hospital Raimundo Chaa em Brasília.

Burgos diagnosticou uma inflamação do apêndice e problemas nas trompas, recomendando cirur-

gia em caráter de urgência e marcando consulta para segunda-feira, dia 9, em sua clínica particular. Ilzamar disse que não concordara com a cirurgia mas o médico chegou a ser agressivo ao defender a necessidade da intervenção cirúrgica.

Na segunda-feira, contou Ilzamar, ao chegar ao consultório, o médico dispensou cinco pacientes, alegando que ia atender a um caso de urgência. Quando estavam a sós, ele comentou que a estrada Xapuri-Brasília estava muito ruim e disse que no dia anterior (domingo) fora a uma fazenda perto do entroncamento.

Ela contou que ao ouvir a declaração tomou um susto, pois perto do entroncamento fica a fazenda de Darly Alves, principal acusado de ter mandado matar Chico. Em seguida, segundo ela, foi agarrada pelo médico, que tapou sua boca. Conseguiu gritar,

sendo ouvida por um rapaz que passava pela rua e bateu na porta do consultório. Ilzamar afirmou que somente neste momento foi solta. Correu em direção à rua e foi para casa.

O Secretário de Segurança Pública do Acre, José Carlos Castello Branco, determinou a abertura de inquérito para apurar a tentativa de estupro da viúva de Chico Mendes, assassinado no dia 2 de dezembro em Xapuri, no Acre. A iniciativa foi comunicada ao Ministro da Justiça, Paul Brossard.

O Presidente do Conselho Regional de Medicina do Acre, Gerce Camara, disse que os fatos denunciados por Ilzamar estavam sendo apurados, mas garantiu que o médico Dário Burgos Aramayos não é registrado na entidade. Ele disse que se a violação ocorreu em Cobijas, o CRM nada poderá fazer e que Burgos não pode clinicar no Brasil. (JB, 12/1/89)

Sucessor culpa UDR pela morte de Chico Mendes

O novo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, no Acre, Julio Barbosa de Aquino, 34 anos, que substituiu Chico Mendes, assassinado por pistoleiros no dia 22 de dezembro, afirmou, dia 14, que a União Democrática Ruralista (UDR) "é a principal responsável pela morte do sindicalista". Segundo Júlio, em entrevista concedida na sede nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), no bairro de Vila Mariana, Zona Sul de São Paulo, "não resta mais nenhuma dúvida sobre o envolvimento da UDR, uma das organizações mais pesadas a nível de Brasil".

O líder sindical não mostrou uma prova concreta que respaldasse suas acusações, mas chegou a afirmar que o ministro da Justiça, Paulo Brossard, deveria mandar prender o líder da UDR, Ronaldo Caiado. "Se ele não faz isso, é porque também é um fazendeiro e um latifundiário, que jamais vai defender os interesses dos pobres de Xapuri". Brossard é fazendeiro no Rio Grande do Sul.

Filho de seringueiro e também seringueiro, Júlio Aquino, casado, um filho, era secretário da diretoria do sindicato comandado por Chico Mendes, onde militava desde 1979, depois de uma rápida passagem pelas comunidades eclesiais de base de Xapuri. Nunca foi ameaçado de morte, mas citou três líderes que, nas suas palavras, estão sob risco iminente: Raimundo Bastos, vereador do PT de Xapuri; Guercindo Clóvis, agrônomo que dá assessoria ao sindicato; e Osmarino Amâncio, da oposição sindical da cidade de Brasília, próxima a Xapuri.

Sobre o assassinato de Chico Mendes, Júlio admitiu que o sindicato cometeu uma falha de segurança,

confiando cegamente na proteção garantida pela polícia. "Infelizmente nós só fechamos a porta depois que a casa tinha sido arrombada", admitiu, explicando que o sindicato não tinha recursos para manter a vigilância do seringueiro.

- Nós vamos levar essa luta até o fim, pelo esclarecimento deste e de outros assassinatos - disse Júlio, levantando dúvidas sobre os reais interesses da polícia e da Justiça em esclarecer o caso. Segundo ele, os irmãos fazendeiros Darli e Alvarino Alves da Silva, acusados de envolvimento na morte de Chico Mendes, "têm um passado horrível, com mais de 40 crimes nas costas".

Júlio também acusou os fazendeiros dos assassinatos dos seringueiros Eviar Higino de Almeida, em junho de 87, e José Ribeiro, em setembro do mesmo ano. Acusou ainda os fazendeiros Gastão Mota e Luís Acem de estarem ligados aos Alves, seus cúmplices nesses e outros crimes. Segundo ele, a Fazenda Paraná, de Darli, teria um açude cheio de ossos das pessoas que foram mortas. "Se a polícia esvaziar o açude os ossos vão estar lá", afirmou. Em depoimento à polícia, o próprio Darli admitiu a existência de um cemitério em suas terras.

O advogado da CUT, Ricardo Gebrim, que acompanhou na última segunda-feira o interrogatório de Darli Alves em Xapuri, contou, durante a coletiva, que o fazendeiro mostrou conhecer detalhes sobre o funcionamento da UDR e afirmou ser amigo do presidente da entidade no Acre, o fazendeiro João Branco, que fugiu da cidade para São Paulo após o assassinato. (JB, 15/1/89)

Polícias divergem, no Acre, sobre cerco aos fazendeiros

Enquanto o superintendente Regional da Polícia Federal, Ildor Reni Graebner, dizia dia 14 que não há nenhuma pista mais "quente" de Alvarino Alves e dos três pistoleiros, Amadeus, Sérgio e Antônio, o Mineirinho, o secretário de Segurança Pública, José Carlos Castello Branco, informava ao Governador do Acre, Flavianino Melo, que uma equipe da Polícia Civil estaria "bem perto" dos quatro foragidos, acusados de envolvimento no assassinato do líder sindical e ecologista Chico Mendes.

O secretário disse ao Governador que os policiais civis descobriram novas pistas dos quatro foragidos e sua captura poderá acontecer a qualquer momento. Flavianino Melo lamentou que o helicóptero solicitado ao Ministério da Justiça ainda não tenha chegado ao Acre. Segundo o Governador, o aparelho serviria para que a polícia desse uns tiros ao sobrevoar a área para "assustar os bandidos". Um helicóptero cedido pelo Governador de Roraima era esperado dia 14 à tarde em Rio Branco.

Além dos 60 agentes da Polícia Federal, que têm como missão principal entrar na mata, as Polícias Civil e Militar estão também com alguns homens percorrendo a área onde se supõe estarem encurralados Alvarino Alves e os três pistoleiros. A disputa entre a Polícia Federal, Militar e Civil continua. As três corporações querem a primazia de pegar os quatro fugitivos. O superintendente da Polícia Federal, Ildor Reni Graebner, disse que, a princípio, o objetivo é pegá-los com vida, mas se reagirem a polícia terá que atirar também. (JB, 15/1/89)

Entidade acusa ex-prefeito de Xapuri

O presidente do Centro dos Trabalhadores da Amazônia, Arnóbio Marques, acusou o ex-prefeito de Rio Branco Adalberto Aragão e o presidente regional da UDR (União Democrática Ruralista), João Branco, de estarem implicados no assassinato do ecologista Chico Mendes. Ao participar de um encontro no Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), em Salvador, Marques manifestou sua indignação pelo fato de terem sido ainda interrogados o ex-prefeito e o presidente da UDR. Ao acusar a UDR de estar por trás do assassinato de Chico Mendes, Arnóbio Marques afirmou que "os mandantes do assassinato de Chi-

co Mendes extrapolam os limites da Fazenda Paraná, da família Alves".

A coordenadora da Comissão Pastoral da Terra do Acre, Ana Rosa Fioretta, enfatizou no mesmo encontro que as autoridades governamentais e policiais estão tentando transformar o assassinato do ecologista numa simples rixa.

- Não se trata disso - diz ela. - Há sinais evidentes dos esforços das polícias federal e estadual para prender Alvarino, um dos irmãos de Alves, que está escondido numa fazenda. Mas, ficam omitindo a participação da UDR. (JB, 15/1/89)

A ecologia chega aos cofres

Em 1987 um território equivalente ao estado de São Paulo ao pegou fogo na Amazônia. Foram 20 milhões de hectares destruídos numa região que concentra 30% de toda a floresta tropical ainda existente no mundo. No ano passado, o fenômeno das queimadas se repetiu com igual intensidade. Os focos de incêndio espalhados pela região chegaram a ser identificados pelos satélites em órbita da Terra e, segundo pesquisas feitas no Brasil e no exterior, aumentaram em níveis recordes os resíduos em suspensão na atmosfera do planeta. Só nos últimos dez anos foram derrubados 180.000 quilômetros quadrados de florestas na Amazônia, área que equivale à metade de um país como a Finlândia.

Esses números, de dimensão astronômica e aparência trágica, resultaram no fechamento da torneira de algumas linhas de financiamento internacional para o País por parte de instituições mais sensíveis às pressões dos movimentos ambientais, como o Banco Mundial. Estão suspensos atualmente um empréstimo de 500 milhões de dólares para a reforma bancária e outro de 150 milhões para o combate à malária. Há ainda atraso no desembolso do financiamento de 500 milhões de dólares do Bird ao



Queimada na Amazônia: por causa da floresta, o Brasil entra no alvo das críticas internacionais

setor elétrico, neste caso específico porque o banco não concorda com os rumos do programa nuclear brasileiro.

A primeira obra a sofrer restrições do Banco Mundial por causa dos problemas ligados ao meio ambiente foi a construção da rodovia BR-364 que liga Cuiabá a Porto Velho e a Rio Branco. O projeto, segundo constatou o banco, não respeitou as áreas habitadas por índios. Por isso, os recursos fo-

ram suspensos. Este ano está prevista uma série de visitas de técnicos do Banco Mundial ao Brasil, com o objetivo de analisar os 13 projetos que atualmente têm financiamentos da instituição. Se esses projetos protegerem o meio ambiente, o dinheiro sai. Caso contrário, fica guardado lá fora até que o governo brasileiro tome medidas que o banco considere suficientes. (O Estado de S. Paulo, 15/1/89)

Na Inglaterra, jornais fazem mais críticas

Na Inglaterra, a preocupação com a floresta amazônica é antiga, mas nos dois últimos anos cresceu. Os jornais britânicos começaram a atribuir todos os desastres da natureza - inclusive o fato de o inverno no país estar mais quente - à devastação da Amazônia. O jornal londrino **Independent** dedicou quase um quarto de páginas ao assassinato de Chico Mendes, hoje figura mais conhecida na Inglaterra do que qualquer político ou artista brasileiro.

O título da reportagem do **Independent** era simplesmente

“Francisco Mendes” e o texto começava assim: “Francisco Mendes era o mais famoso habitante de Xapuri, uma pequena e empobrecida cidade situada a cerca de 80 quilômetros da fronteira do Brasil com a Bolívia, agora cenário de uma briga radical em torno dos métodos do desenvolvimento da floresta amazônica...”

Antes da morte de Chico Mendes, a imprensa britânica dedicou amplo espaço à visita do cacique caiapó Paulinho Paiakã. Ele foi à Europa insistir no pedido (já feito antes em Washington) aos

bancos para que não emprestem dinheiro ao Brasil para a construção de barragens nas terras indígenas. Durante sua visita, organizada pelo movimento **Friends of the Earth** a questão da Amazônia foi parar até nas colunas sociais. É que uma duquesa, ligada a organizações de ecologistas, promoveu um grande “Baile da Amazônia” em Londres.

A televisão britânica exibiu em 1988 uma série sobre o Norte do Brasil chamada **Land** e produzida por David Wallace. (O Estado de S. Paulo, 15/1/89)

Brasil faz o papel de vilão do mundo

O Brasil desembarcou em 1989 frequentando as primeiras páginas e os editoriais de algumas das mais prestigiadas publicações internacionais. Poderia ser uma notícia lisonjeira para os brasileiros, mas não é. Os dois acontecimentos que mais chamaram a atenção do resto do mundo nas últimas semanas foram trágicos. Primeiro, a morte do sindicalista e ecologista Chico Mendes. Depois a tragédia do Bateau Mouche, que afundou na noite do reveillon matando pelo menos 54 pessoas.

O noticiário dos jornais, revistas e televisões estrangeiras são, na verdade, apenas o termômetro do nível de pressões cada vez mais intensas que o País vem recebendo da comunidade internacional por causa de uma gama de problemas que vão da dívida externa ao mercado de computadores e aos conflitos fundiários. Nenhuma dessas pressões, no entanto, tem sido tão forte e estridente como aquelas ligadas à questão do meio ambiente. Até tempos atrás, essas pressões se manifestavam através de protestos de entidades ambientalistas internacionais. Ultimamente, uma convergência de pontos de vista entre essas entidades e órgãos fi-

nanciadores de projetos de desenvolvimento, como o Banco Mundial, resultou no corte de linhas de crédito que o País vinha recebendo.

"A comunidade internacional radicalizou os problemas ecológicos no Brasil, principalmente depois do acidente com o césio 137, em Goiânia", diz o físico nuclear

Luís Pinguelli Rosa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e um ativo frequentador de reuniões científicas no exterior. "Às vezes", ele confessa, "fico até com vergonha de comparecer a essas reuniões, tal é o volume de críticas que o Brasil recebe lá fora nessa área". (O Estado de S. Paulo, 15/1/89)

Os pontos da discórdia

A lista das questões brasileiras que incomodam o resto do mundo

Meio ambiente
No ano passado, o Brasil queimou 20 milhões de hectares da maior floresta tropical do planeta. Com isso, pôs fogo também nas suas relações com entidades ecológicas e instituições financeiras internacionais.

Informática
É uma briga por um mercado de 6 bilhões de dólares. O Brasil acha que deve proteger esse mercado. Lá fora acham que isso é pirataria tecnológica, porque os computadores brasileiros são simples cópias.

Conflitos de terra
Nos últimos 4 anos, quase 1.000 pessoas morreram em disputas pela posse da terra. Com esse número, o Brasil passou a frequentar os relatórios da Anistia Internacional sobre desrespeito aos direitos humanos.

Energia nuclear
A primeira grande trombada brasileira no exterior. Em 1975, o País fez um acordo com a Alemanha. Conseguiu, em troca, uma usina, a de Angra I, que até hoje não funciona direito.

Índios
O Brasil tem menos de 500.000 índios. Já teve 6 milhões. Há quem entenda a diferença entre esses números como saldo inevitável da marcha do desenvolvimento. No exterior há quem entenda como genocídio.

Dívida externa
A dívida externa brasileira, de mais de 100 bilhões de dólares, é a maior do mundo. No ano passado, o País decretou a moratória, ganhou fama de caloteiro internacional e foi obrigado a recuar.

Itamaraty organiza reação no exterior

As críticas e pressões que o Brasil vem recebendo de outros países em relação à ecologia e aos direitos humanos levaram o Itamaraty a tomar uma decisão inédita. A partir do final do mês, todas as embaixadas brasileiras no Exterior serão abastecidas com uma série de informações sobre esses assuntos. O ministro das Relações Exteriores, Roberto de Abreu Sodré, vai assinar portaria para criar Divisão de Ecologia e Direitos Humanos, que vai se encarregar de levantar os dados e enviá-los às embaixadas.

O indicador dessas pressões pode ser medido pela frequência com que os problemas de meio ambiente e direitos humanos aparecem na imprensa estrangeira. Entre os dias 3 e 10, por exemplo,

o serviço noticioso da UPI, a mais influente agência de notícias dos Estados Unidos, citou o Brasil 15 vezes. Numa delas, dia 9, para falar do assassinato do sindicalista e ecologista Chico Mendes. Era uma longa reportagem, com o título "Brasileiro suspeito acusa filho pela morte do ecologista". Poucos dias antes, o jornal *The New York Times*, que tem uma tiragem média de um milhão de exemplares diários, publicou um editorial em que condenava o assassinato de Chico Mendes e a política do governo em relação à Amazônia, com o sugestivo "Brasil queima o futuro".

Antes disso, porém, a ecologia no Brasil já frequentava o noticiário americano. O acidente radioativo em Goiânia, em setembro

de 1987, foi muito divulgado. Só o *New York Times* publicou três reportagens sobre o caso. No ano passado, tanto o *Times* quanto o *Washington Post* e o *Christian Science Monitor* dedicaram mais de um artigo cada um para discutir a política ambiental brasileira. O mesmo *Times*, em 18 de outubro, já tinha publicado um editorial sob o título "O que está quimando no Brasil?", em que lamentava as queimadas nas florestas amazônicas. Até mesmo o leitor do jornal, americano, teve sua carta publicada com sugestões sobre como ajudar Rondônia. A revista *Times*, em sua reportagem de capa sobre a Terra, no fim do ano, abriu o artigo com uma foto de duas páginas de uma quimada da floresta amazônica. (O Estado de S. Paulo, 15/1/89)

Senadores norte-americanos querem negociar verba por proteção a seringueiro

O senador Albert Gore Jr. se comprometeu dia 16, numa reunião com líderes de seringueiros de Xapuri, a lutar para que nenhum centavo de ajuda norte-americana seja destinada ao asfaltamento de uma estrada para Pacífico - continuação da BR-364, caso não sejam garantidos os direitos sobre a terra dos seringueiros e dos índios. Gore afirmou que estava falando em seu nome, mas tinha certeza de que muita gente no Congresso americano apoiaria esta posição.

Os seringueiros receberam os senadores no auditório da casa paroquial de Rio Branco e insitiram na proposta de suspender qualquer ajuda para a estrada, enquanto seus direitos não forem assegurados. Os seringueiros reforçaram também a necessidade de punição dos culpados da morte de Chico Mendes, denunciando a UDR e a cumplicidade das autoridades brasileiras.

O senador republicano John Heinz afirmou que havia muita simpatia pela luta dos seringueiros do Acre, mas que não era competência da comissão acompanhar investigações do crime.



Chico Mendes

O encontro dos senadores norte-americanos com Júlio Barbosa, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, e Pedro Rocha, do Conselho Nacional dos Seringueiros, contou também com a presença da viúva de Chico Mendes, Ilza Mendés, que recebeu um presente da delegação de senadores.

Os senadores Timothy Wirth, Albert Gore Jr. e John Heinz enfatizaram sua vontade de aprender sobre o processo de luta dos seringueiros. O senador republicano

Heinz perguntou se os "empates" (luta pacífica para impedir o desmatamento) irão continuar. O líder dos seringueiros Júlio Barbosa declarou que essa forma de luta vai continuar por muito tempo e que o governo estadual faz todo o esforço para impedir seu avanço.

O comitê Chico Mendes entregou aos senadores um documento de denúncia sobre a Amazônia, anexando a proposta de 10 pontos para uma trégua ecológica na área. (Folha de S. Paulo, 17/1/89)

Comissão dos EUA revela o interesse mundial

O interesse da comunidade internacional pelos problemas ecológicos brasileiros pode ser medido pela comissão que aterrissou no País na semana passada, vinda dos Estados Unidos. São quatro senadores, dois deputados e três jornalistas que, durante a semana, percorreram várias cidades, foram recebidos em audiência pelo presidente Sarney, tiveram um jantar de homenagem no Itamaraty e, nos próximos dias, vão conhecer a Amazônia. Um dos pontos do roteiro é a cidade de Xapuri, onde morreu o sindicalista e ecologista Chico Mendes.

Com essa comissão viajará, por exemplo, o editor-executivo do **Washington Post**, Ben Bradlee, personagem que se tornou célebre na imprensa americana por dirigir o jornal responsável pela cobertura do escândalo Watergate, que derrubou o ex-presidente Richard

Nixon. Um dos senadores companheiros de viagem de Bradlee é Thymothy Wirth, que já foi presidente do **World Wildlife Fund**, uma das entidades de defesa do meio ambiente mais importante do mundo. Ele defende a troca dos títulos da dívida externa brasileira por programas que assegurem a proteção da ecologia no País. Na semana passada, os bancos americanos fizeram um negócio parecido com a Costa Rica, que teve perdoada uma dívida de 5,4 bilhões de dólares.

A idéia de que países ou entidades estrangeiras possam interferir de alguma forma nos destinos da Amazônia causa arrepios entre as autoridades brasileiras, principalmente quando possuem alguma patente militar. "Há interesses inconfessáveis por trás desse canisativo realejar", afirmou, dias atrás, o ministro do Exército, ge-

neral Leônidas Pires Gonçalves, ao comentar o noticiário internacional sobre o assunto.

"O problema dos militares é que eles acham sempre que há um complot por trás de qualquer coisa", pondera o agrônomo gaúcho José Lutzenberger, que ano passado ganhou o "Prêmio Nobel Alternativo", concedido pela Fundação Bem Viver da Suécia, pelas suas campanhas em defesa da ecologia. "É claro que cabe aos brasileiros cuidar da Amazônia, mas precisamos fazê-lo com urgência, antes que alguém faça", acrescenta. "É um erro achar que a simples denúncia sobre os fortes interesses estrangeiros na Amazônia resolve o problema", concorda o professor Teotônio Santos, especialista em política externa da Universidade de Brasília. "É preciso assumir a Amazônia", insiste. (O Estado de S. Paulo, 15/1/89)